

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Aires José ROVER, professor

<http://infojur.ufsc.br/aires>

RESUMO DE LIVRO

CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS
DEPARTAMENTO DO CURSO DE DIREITO
PROFESSOR: Aires J. Rover
DISCIPLINA: Informática Jurídica
FLORIANÓPOLIS 2006

Aluna: Augusta Carla Klug

RESUMO DA OBRA

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258 p.

Prefácio: Ser Leve e Líquido

A fluidez é a qualidade dos líquidos e gases, que os distingue dos sólidos. Os líquidos, quando sob uma força tangencial ou deformante, sofrem constante mudança de forma. Essa constante mudança é denominada fluxo, propriedade característica dos fluidos.

Para os fluidos o que conta é o tempo, e não o espaço, que preenchem apenas momentaneamente. Por terem uma extraordinária mobilidade e inconstância, associamos os

fluidos à idéia de "leveza" ou "ausência de peso". Por essas razões podemos considerar fluidez ou liquidez como metáforas adequadas à natureza da fase em que vivemos, nova na história da modernidade.

A modernidade é o processo de liquefação, de derretimento dos sólidos. O espírito moderno do Manifesto Comunista pregava o derretimento dos sólidos, mas não para acabar de

vez com eles, e sim para os sólidos deficientes, defeituosos e enferrujados dessem lugar para

novos e aperfeiçoados sólidos. Os primeiros sólidos a derreter foram as lealdades tradicionais,

os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impedindo movimentos e

restringindo iniciativas. O derretimento dos sólidos levou à libertação da economia dos tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. A nova ordem era definida principalmente em termos econômicos.

A situação atual não foi alcançada via ditadura, subordinação, opressão ou escravização, ao contrário, emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que

limitavam a liberdade individual de escolher e agir. O tempo das revoluções sistêmicas passou, porque não há centros de controle do sistema, que poderiam ser atacados e capturados pelos revolucionários.

Ulrich Beck cunhou o termo "segunda modernidade" para referir-se à era da "modernização da modernidade". Ele fala em instituições e categorias zumbi, que estão mortas e ainda vivas, como a família, a classe e o bairro, por exemplo.

Os antigos moldes foram quebrados, mas não sem que fossem substituídos por outros. As pessoas deveriam, através de seus próprios esforços, realocar-se nas novas molduras, classes, introduzidas pela nova ordem. Estão cada vez mais em falta os padrões,

códigos e regras a que podíamos nos conformar, pois estamos passando de uma era de grupos

de referência a uma outra de comparação universal. Os padrões não são mais dados e auto-evidentes.

A modernidade está individualizada e privatizada, e coloca o peso da responsabilidade pelo fracasso sobre os ombros dos indivíduos. Os padrões de interação e

dependência também estão sendo liquefeitos, de forma que as gerações anteriores não experimentaram ou puderam imaginar. O advento da modernidade fluida trouxe profundas

mudanças à condição humana.

A modernidade tem muitos significados, e sua chegada e avanço podem ser constatados através de vários indicadores diferentes. Ela começa quando o tempo e o espaço são separados da prática da vida e entre si, formando assim categorias distintas e mutuamente independentes. O que leva alguns a falar do fim da história, da pós-modernidade, da segunda modernidade e da sobremodernidade é o fato de que o esforço para acelerar a velocidade do movimento chegou ao limite natural. O poder pode se mover de forma instantânea, através do sinal eletrônico; tornou-se também extraterritorial, não mais limitado pela resistência do espaço.

1 – Emancipação

Ao fim das três décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, época de prosperidade, de uma sociedade rica e poderosa, apresentou-se como problema o dever de emancipação, não a libertação em si, mas a falta de desejo das pessoas para serem libertadas.

Libertar-se significa sentir-se livre das limitações, ser livre para agir conforme os desejos. Uma ameaça que atormentava os filósofos era que as pessoas pudessem não querer ser livres, pelas dificuldades que o exercício da liberdade pode acarretar.

As bênçãos mistas da liberdade

A questão sobre a liberdade, se seria ela uma bênção ou uma maldição, assombrou pensadores durante a maior parte da era moderna, quando ficou claro que os que deveriam dela gozar relutavam em aceitá-la. Houve dois tipos de resposta à questão: a primeira lançando dúvidas sobre a prontidão do povo para a liberdade, e a segunda inclinando-se a aceitar que os homens podem estar certos quando questionam os benefícios que as liberdades podem trazer.

Na perspectiva de Hobbes, depois desenvolvida por Durkheim, não há outro caminho para o indivíduo buscar a libertação senão submetendo-se à sociedade e seguindo suas normas. Padrões e rotinas fazem com que os homens saibam como agir na maior parte do tempo, e que raramente se encontrem em situações em que as decisões devem ser tomadas com a própria responsabilidade e sem o conhecimento das conseqüências.

As casualidades e a sorte cambiante da crítica

Para Cornelius Castoriadis o que está errado em nossa sociedade é que ela deixou de se questionar, não reconhece mais qualquer alternativa para si mesma. Mas isso não significa que tenha suprimido o pensamento crítico como tal, pelo contrário, fez da crítica da realidade e do que está posto uma parte inevitável e obrigatória da vida dos indivíduos. Mas a sociedade da modernidade fluida é inóspita à crítica, acomoda o pensamento e a ação críticos

de modo que permaneça imune a suas conseqüências, saindo intacta e sem cicatrizes. Atualmente temos a crítica ao estilo do consumidor, que veio substituir a crítica ao estilo do produtor. As causas da mudança estão ligadas à profunda transformação do espaço público, e do modo como a sociedade opera e se perpetua.

A teoria crítica clássica, de Adorno e Horkheimer, insere-se no contexto de uma modernidade pesada, sólida, condensada e sistêmica, tendente ao totalitarismo. Um dos principais ícones dessa modernidade é a fábrica fordista, que reduzia a atividade humana a

movimentos simples e rotineiros, excluindo a espontaneidade e iniciativa individual. A teoria crítica pretendia neutralizar e eliminar de vez a tendência totalitária da sociedade, buscando

sobretudo a defesa da autonomia, da liberdade de escolha e da auto-afirmação humanas.

A sociedade que entra no século XXI é moderna de um modo diferente da que entrou no século XX. A modernidade é marcada pela contínua modernização, por uma insaciável destruição criativa. Ser moderno significa ser incapaz de parar e de ficar parado,

por causa da impossibilidade de alcançar a satisfação.

Dois características fazem nossa modernidade nova e diferente: o colapso da antiga crença de que há um fim no caminho que andamos, um *telos* alcançável, e a

desregulamentação e privatização das tarefas e deveres modernizantes.

O indivíduo em combate com o cidadão

A apresentação de seus membros como indivíduos é marca registrada da sociedade moderna. A individualização é uma atividade incessante e diária, e muda seu significado constantemente, assumindo novas formas. Ulrich Beck contribui para a compreensão do processo de individualização, através de diversas obras. A individualização consiste em transformar a identidade humana de um em uma tarefa, encarregando os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das conseqüências de sua realização. Os indivíduos não mais nascem em suas identidades; precisam tornar-se o que já são, sendo esta uma característica da vida moderna.

A modernidade antiga desacomodava para reacomodar, sendo essa reacomodação uma tarefa posta aos indivíduos. Os estamentos, a que se pertencia por hereditariedade, foram substituídos pelas classes. O pertencimento às classes era uma realização, deveria ser buscado, continuamente renovado, reconfirmado e testado na conduta diária.

Os indivíduos com menos recursos tinham que compensar sua fraqueza individual pela força do número, partindo para a ação coletiva, somando suas privações, que congelavam-se em interesses comuns. O coletivismo foi a primeira estratégia para aqueles incapazes de se auto-afirmar enquanto indivíduos.

O que distingue essa individualização da individualização da segunda modernidade é a ausência de lugares para reacomodação, e os lugares que se apresentam são frágeis, e freqüentemente desaparecem antes que seja completado o trabalho de reacomodação. Tanto no estágio leve e fluido da modernidade quanto no sólido e pesado a individualização é uma fatalidade, não uma escolha. Os riscos e contradições são socialmente

produzidos, mas o dever e a necessidade de enfrentá-los estão sendo individualizados. Atualmente, os problemas dos indivíduos podem ser semelhantes, mas não podem fundir-se para formar uma totalidade.

Tocqueville afirma que a libertação das pessoas pode torná-las indiferentes. O indivíduo é o pior inimigo do cidadão, pois o cidadão busca seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade, enquanto o indivíduo tende a ser cético ou prudente em relação à causa comum. O outro lado da individualização parece ser a corrosão e lenta desintegração da cidadania. Os cuidados e preocupações dos indivíduos, enquanto indivíduos, enchem o espaço público, como seus únicos ocupantes legítimos, expulsando todo o resto. Assim, o público é colonizado pelo privado.

O compromisso da teoria crítica na sociedade dos indivíduos

Ser um indivíduo significa não ter ninguém a quem culpar pela própria miséria, não procurar as causas das próprias derrotas senão na própria indolência e preguiça, e não ter outro remédio senão tentar com mais determinação. Há demanda por cabides individuais onde os indivíduos possam pendurar coletivamente, ainda que por breve período, seus temores individuais.

Há um grande abismo entre a condição de indivíduos *de jure* e suas chances de tornarem-se indivíduos *de facto*. Ele não pode ser transposto apenas por esforços individuais, pois é tarefa da Política. O abismo emergiu e cresceu por causa do esvaziamento do espaço público, e do lugar intermediário público/privado, onde problemas privados são traduzidos para linguagem das questões públicas, e soluções públicas para os problemas privados são buscadas, negociadas e acordadas.

A tarefa da teoria crítica era defender a autonomia privada contra as tropas da "esfera pública". Hoje sua tarefa é defender o domínio público, ou repovoar e reequipar o espaço público, que se esvazia rapidamente. Não é mais o público que tenta colonizar o privado; o que se dá é o contrário, o privado coloniza o público.

O poder navega para longe do alcance do controle dos cidadãos, para a

extraterritorialidade das redes eletrônicas. O espaço público está cada vez mais vazio de questões públicas, dessa forma as perspectivas de que o indivíduo *de jure* se torne indivíduo

de facto parecem cada vez mais remotas.

2 – Individualidade

Os mundos distópicos retratados por Huxley e Orwell, nas obras *Brave New World* e *1984*, respectivamente, travavam disputa para retratar os prognósticos dos horrores

que o futuro iria trazer. O mundo de Orwell era um mundo de miséria e destituição, de escassez e necessidade. O de Huxley uma terra de opulência e devassidão, de abundância e

saciedade. Os dois mundo se opõem em quase todos os detalhes. O que une as duas visões é o

presentimento de um mundo estritamente controlado, da liberdade individual reduzida a nada

ou quase nada. O mundo é dividido em administradores e administrados, projetistas e seguidores de projetos.

Capitalismo – pesado e leve

No estágio pesado da modernidade, o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregava. Hoje o capital viaja levemente, podendo saltar em quase qualquer ponto do caminho. O trabalho, porém, permanece imobilizado como no passado,

mas o lugar em que está fixado perdeu a solidez de outrora.

Tenho carro, posso viajar

As previsões que Max Weber fez quando colocou a burocracia como protótipo da sociedade por vir provaram-se erradas. Ele previu o triunfo da racionalidade instrumental,

com o destino da história da humanidade dado, e as pessoas ocupando-se mais da questão dos meios.

Atualmente, o que está em pauta decidir quais, dentre os vários fins disponíveis ao alcance devem ter prioridade, dada a quantidade de meios disponíveis. A maior parte da vida

humana consoma-se na agonia da escolha de objetivos, e não na escolha dos meios, que não

exigem tanta reflexão. Em um mundo cheio de oportunidades poucas coisas são predeterminadas e irrevogáveis. As derrotas e contratempos não são irreversíveis, nem as

vitórias finais. Não se pode errar, mas também não se pode saber se se está certo.

Pare de dizer; mostre-me!

O capitalismo pesado era o mundo de homens e mulheres dirigidos por outros, buscando fins determinados por outros, pelos meios determinados por outros. Era o mundo

das autoridades e líderes que ensinavam a proceder melhor. O capitalismo leve não aboliu

essas autoridades, apenas permitiu que coexistissem autoridades em número tão grande que

nenhuma poderia se manter por muito tempo ou atingir exclusividade.

As pessoas que “estão por dentro” não são líderes, são no máximo conselheiros.

Uma diferença fundamental entre eles é que líderes devem ser seguidos, enquanto conselheiros precisam ser contratados e podem ser demitidos. Os líderes atuam como intermediários entre o bem individual e o bem comum.

As pessoas em busca de um conselho querem um exemplo de como outros

homens e mulheres se desincumbem de problemas semelhantes aos seus. As condições da

vida levam as pessoas a buscar exemplos, e não líderes.

A compulsão transformada em vício

A procura por exemplos, conselho e orientação é um vício, pois quanto mais se procura, mais se precisa e mais se sofre quando privado do que procura. Os exemplos são

atraentes enquanto não testados, mas dificilmente cumprem o que prometem. Mesmo que

funcionasse do modo esperado, a satisfação não duraria muito, porque a linha de chegada

sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores. A corrida para alcançar a promessa de uma vida sem problemas nunca termina, então permanecer na corrida se torna

um vício. Permanecer na corrida é o mais importante dos meios.

A busca sem fim por exemplos aperfeiçoados é uma forma da compulsão pelo comprar. A lista de compras não tem fim, mas a opção de não ir às compras não figura nela. O

que move a atividade consumista não é mais o conjunto de necessidades articuladas, mas o desejo, muito mais volátil e efêmero. O desejo é um motivo auto gerado e autopropelido, que está fadado a permanecer insaciável.

O corpo do consumidor

A sociedade pós-moderna envolve seus membros em sua condição de consumidores, e não de produtores. A diferença é fundamental, pois a vida organizada em torno do papel de produtor tende a ser normativamente regulada, enquanto a organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas. É orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis.

Livre para comprar – ou assim parece

A busca da identidade é a busca incessante de deter ou retardar o fluxo, de solidificar o fluido, dar forma ao disforme. Mas as identidades se parecem mais com crostas, que às vezes se solidificam sobre a lava vulcânica, e que se fundem e dissolvem antes de ter tempo de esfriar e fixar-se. As identidades parecem fixas e sólidas somente quando vistas de relance, de fora.

Dada a volatilidade e instabilidade das identidades, o grau e liberdade de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade.

3 – Tempo/Espaço

A comunidade é, hoje, a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora. Essa reunião comunitária significa um território vigiado de perto, onde aqueles que fazem algo que desagrade aos outros são prontamente punidos e postos na linha, enquanto aqueles que não fazem parte são impedidos de entrar, ou então cercados e expulsos. Os espaços públicos das cidades têm sido redesenhados pela preocupação com a segurança dos seus habitantes. O medo das ruas inseguras afasta as pessoas dos espaços públicos e as afasta da busca da arte e das habilidades necessárias para compartilhar a vida pública.

Quando estranhos se encontram

Na definição de Richard Sennett, uma cidade é um assentamento humano em que estranhos têm chance de se encontrar. O encontro de estranhos é um evento sem passado e sem futuro. A civilidade é a atividade que protege as pessoas umas das outras, permitindo, contudo, que possam estar juntas. O meio urbano deve ser civil, para que seus habitantes possam aprender as habilidades da civilidade. O meio urbano civil deve disponibilizar espaços que as pessoas possam compartilhar como pessoas públicas. Os espaços públicos das grandes cidades geralmente fazem parte de uma de duas grandes categorias, cada uma se afastando do modelo ideal do espaço civil, em direções opostas, mas complementares.

A praça *La Défense*, em Paris, é um exemplo da primeira categoria do espaço público urbano, que não é, entretanto, civil. O que chama atenção é a falta de hospitalidade da praça: tudo inspira respeito e desencoraja a permanência. A segunda categoria se destina a transformar o habitante da cidade em consumidor. São lugares que encorajam a ação e não a interação.

Lugares êmicos, lugares fágicos, não-lugares, espaços vazios

Uma ida aos templos de consumo é como ser transportado a um outro mundo. O templo pode estar na cidade, mas não faz parte dela. O que o faz outro é a exibição do modo de ser que o cotidiano impede ou tenta em vão alcançar. É também um espaço purificado, pois as diferenças existentes foram amansadas, higienizadas e garantidas contra ingredientes perigosos. Dentro de seus templos, os consumidores encontram a impressão de pertencer a uma comunidade.

O antropólogo francês Lévi-Strauss sugere, em sua obra *Tristes trópicos*, que

existem duas estratégias para enfrentar a alteridade dos outros: a *antropoêmica* e a *antropofágica*.

A primeira consiste em "vomitar" os outros vistos como incuravelmente estranhos e alheios. As variantes extremas dessa estratégia hoje são o encarceramento, a deportação e o

assassinato. As formas "refinadas" (modernizadas) são a separação espacial, os guetos urbanos, o acesso seletivo a espaços e o impedimento seletivo a seu uso.

A estratégia antropofágica consiste numa desalienação das substâncias alheias:

ingerir, devorar corpos e espíritos estranhos, de modo a fazê-los idênticos aos corpos que os

ingerem. Assumiu uma ampla gama de formas: do canibalismo à assimilação forçada (cruzadas culturais, guerras contra costumes locais, cultos, dialetos e outros). A primeira estratégia visava a aniquilação dos outros, enquanto a segunda visava a aniquilação de sua alteridade.

A praça *La Défense*, em Paris, é um exemplo arquitetônico da estratégiaêmica, enquanto os espaços de consumo representam a fágica. Ambas respondem ao desafio de enfrentar a possibilidade de encontrar estranhos, característica constitutiva da vida urbana.

Há um terceiro tipo: os denominados não-lugares. Eles partilham certas características com a primeira categoria: desencorajam a idéia de estabelecer-se, tornando a

domesticação do espaço quase impossível. Um não-lugar é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações, e história. Como exemplos podemos citar quartos de hotel, transporte público, aeroportos, auto-estradas, etc. Os não-lugares não requerem domínio da arte da civilidade, pois reduzem o comportamento público a

preceitos simples e fáceis de aprender.

Os espaços vazios são categorias a que não se atribui significado, são vazios de significado. Nesses lugares a questão de negociar diferenças nunca surge, pois não há com

quem negociá-la. Surgem das sobras dos projetos arquitetônicos e das margens negligenciadas

das visões do urbanista, mas também do processo de mapeamento do espaço partilhado por

muitos usuários diferentes. Cada habitante tem um mapa da cidade em sua cabeça, e cada

mapa tem seus espaços vazios.

Não fale com estranhos

A principal característica dos lugares públicos mas não civis, listados acima, é a dispensabilidade da interação com estranhos. Se não se pode evitar o encontro com estranhos,

pode-se pelo menos tentar evitar maior contato. A capacidade de conviver com a diferença e

beneficiar-se dela não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. É uma arte, que requer estudo e

exercício.

Os esforços para manter à distância o outro, o diferente, o estranho e o estrangeiro estão enraizadas na nova fluidez dos laços sociais. Não falar com estranhos, que era uma recomendação de pais a seus filhos, tornou-se preceito estratégico da normalidade adulta.

A modernidade como história do tempo

As noções de cedo e tarde, assim como perto e cedo, significavam quanto esforço seria necessário para que um ser humano percorresse certa distância. As pessoas poderiam

dizer que espaço é o que se pode percorrer em certo tempo, e que tempo é o que se precisa

para percorrê-lo. A modernidade é, mais do que qualquer coisa, a história do tempo, é o tempo em que o tempo tem história.

Quando surgiram meios de transporte não-humanos e não-animais, o tempo necessário para viajar de um lugar a outro deixou de ser característica da distância, tornou-se,

em vez disso, atributo da técnica de viajar. O tempo tornou-se problema do *hardware* que o

homem pode inventar, construir, apropriar, usar e controlar. O tempo pode ser mudado e manipulado. Tornou-se o parceiro dinâmico no casamento tempo-espaço.

Da modernidade pesada à modernidade leve

A era que agora chega ao fim poderia ser chamada de era do *hardware*, ou modernidade pesada. É obcecada pelo volume, pelo "quanto maior, melhor". O objetivo supremo era a conquista do espaço, foi a era da conquista territorial. A riqueza e o poder estavam firmemente enraizados ou depositados na terra. Estas riquezas e poder tendem

a ser lentos, resistentes e complicados de mover. O progresso significava tamanho crescente e expansão territorial.

O advento do capitalismo do *software*, da modernidade leve, mudou tudo isso. O espaço torna-se irrelevante, pela aniquilação do tempo. O espaço não impõe mais limites à

ação e seus efeitos, pois o espaço pode ser atravessado em "tempo nenhum". O tempo não

mais confere valor ao espaço.

A sedutora leveza do ser

O tempo instantâneo e sem substância é também um tempo sem conseqüências. A distância temporal que separa o começo do fim está diminuindo, ou até desaparecendo, fazendo com que as duas noções, antes usadas para marcar a passagem do tempo,

percam

muito de seu significado. Por mais próximo do zero que seja o tempo necessário para

alcançar

um destino, ele ainda não chegou lá.

A modernidade pesada mantinha capital e trabalho presos numa gaiola de ferro de que não podiam escapar. O trabalho sem corpo da era do *software* não mais amarra o capital,

permite que ele seja extraterritorial, volátil e inconstante. Volume e tamanho deixaram de ser

recursos para se tornar riscos. Os capitalistas preferem trocar maciços prédios por cabines em

balões, pois flutuar é o mais desejado e lucrativo dos recursos. O principal artifício da

arte de

administrar é *downsizing*, reduzir de tamanho, fechar unidades que não são

suficientemente

eficazes. Maior não é mais considerado mais eficiente.

Vida instantânea

A instantaneidade faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita. O longo prazo tornou-se uma concha vazia sem significado. Enquanto a modernidade sólida colocava a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade líquida

não tem função para a duração eterna. O curto prazo substituiu o longo prazo, e fez da instantaneidade seu ideal último.

4 – Trabalho

Os antigos não tinham dúvida quanto à idéia de progresso, de andar para a frente.

Para frente era o destino, o trabalho o veículo que os conduziria. Henry Ford considerava o

progresso uma obra nossa, e não obra da história. A única história que conta, para ele, é a que

ainda não está feita, mas está sendo feita nesse momento. O futuro era criação do trabalho, eo

trabalho fonte de toda criação.

Progresso e fé na história

O progresso representa a autoconfiança do presente. Seu sentido é feito de duas crenças inter-relacionadas: de que o tempo está ao nosso lado, e que somos nós que fazemos

acontecer. Sendo a autoconfiança o único fundamento em que a fé no progresso se apóia,

então em nossos tempos a fé é oscilante e fraca. A primeira razão disso é a ausência de uma

agência capaz de mover o mundo para a frente. Segundo, fica cada vez menos claro o que tal

agência deveria fazer para aperfeiçoar o mundo.

A vida dos homens e mulheres modernos é uma tarefa sempre inacabada, que exige constantes cuidados e novos esforços. Na modernidade leve o progresso não é mais uma

medida temporária, uma questão transitória, mas um desafio e uma necessidade perpétua e

talvez sem fim, o significado de permanecer vivo e bem. A noção de progresso está mais individualizada. A questão do aperfeiçoamento é não mais é um empreendimento

coletivo,

mas individual.

A capacidade mágica do trabalho de dar forma ao informe e duração ao transitório é uma de suas virtudes que o fez ser elevado à condição de principal valor dos tempos modernos. O trabalho era a atividade em que se supunha que a humanidade como um

todo

estava envolvida por seu destino e natureza, era esforço coletivo de que cada membro da espécie humana devia participar. O trabalho mudou de caráter, tem uma nova natureza

separada do grande projeto de missão universalmente partilhada da humanidade. Não pode mais ser concebido como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual. O trabalho adquiriu uma significação estética, é satisfatório por si mesmo, e não mais pelos efeitos que traz a nossos semelhantes ou ao poder da nação e do país.

Ascensão e queda do trabalho

A desigualdade entre as nações é fenômeno recente, sendo produto dos dois últimos séculos, e assim também a idéia de trabalho como fonte de riqueza. A grande transformação que trouxe a nova ordem industrial foi a separação dos trabalhadores de suas fontes de existência, criando-se assim as condições para que o trabalho fosse considerado mercadoria. Mas essa emancipação do trabalho não o manteve flutuando, desvinculado e sem senhores, nem o tornou autônomo. O modo tradicional de vida a que o trabalho pertencia antes de ser emancipado estava para ser substituído por uma nova ordem pré-projetada, construída.

A modernidade sólida era uma época de forte engajamento entre capital e trabalho, pela mutualidade de sua dependência. A "remercantilização" tornou-se a principal função e ocupação do Estado. Ele estava encarregado de que os capitalistas se mantivessem aptos a comprar trabalho e poder arcar com seus custos, devendo, por isso, manter o "exército de reserva do trabalho" (os desempregados) em estado de prontidão, caso fossem chamados à ativa.

No capitalismo pesado os horizontes eram de longo prazo: um aprendiz que começasse a trabalhar numa empresa poderia ter certeza de terminar sua vida profissional no mesmo lugar. Esta situação mudou. Hoje a mentalidade é de curto prazo. De acordo com cálculos, um jovem americano com nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante sua vida. A ordem do dia é a flexibilidade, o que anuncia o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou até mesmo sem contratos.

Do casamento à coabitação

A vida de trabalho sempre foi cheia de incertezas, mas a incerteza de hoje é de um tipo inteiramente novo. A incerteza do presente é uma força individualizadora, pois os medos, ansiedades e angústias são feitos para serem sofridos em solidão, jamais se somam ou se acumulam numa causa comum.

Quando o trabalho se torna de curto prazo, despido de perspectivas firmes, há poucas chances que brotem e se enraízem a lealdade e o compromisso mútuos. O capitalismo leve e flutuante é marcado pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços que prendem o capital ao trabalho. A independência ainda não é completa, mas o capital tornou-se extraterritorial, leve, desembaraçado e solto de forma sem precedentes. Tendo se livrado do entulho do maquinário volumoso e das enormes equipes de fábrica, pode viajar leve, o que fez do compromisso algo redundante e pouco inteligente.

As principais fontes de lucros do capital de amanhã tendem a ser idéias e não objetos materiais. As idéias são produzidas apenas uma vez e continuam trazendo riqueza, dependendo de quantos compradores/clientes/consumidores atraem. O que torna as idéias lucrativas são os consumidores, o que gera uma dependência mútua entre capital e consumidores.

Para Robert Reich, as pessoas presentemente envolvidas em atividades econômicas podem ser divididas em quatro categorias: manipuladores de símbolos, os que inventam as idéias e maneiras de torná-las vendáveis e desejáveis; envolvidos na reprodução do trabalho; pessoas empregadas em serviços pessoais, como os vendedores de produtos; e os "trabalhadores de rotina", que tendem a ser as partes mais dispensáveis do sistema econômico.

Digressão: breve história da procrastinação

Em latim, *crastinus* significa o que pertence ao amanhã. Procrastinar significa pôr alguma coisa entre as coisas que pertencem ao amanhã, o que implica que o amanhã não é o lugar natural dessa coisa, mas sim o presente. A procrastinação surgiu com a modernidade, com o novo sentido do tempo como uma passagem entre "momentos presentes". A procrastinação reflete uma ambivalência: o peregrino do tempo procrastina para estar bem preparado para captar as coisas que verdadeiramente importam, mas captá-las significará o fim da peregrinação, e o fim de uma vida que dela deriva seu único sentido. A procrastinação pode servir à sociedade tanto em seu estágio sólido como no líquido, tanto no estágio de produtor como no de consumidor. A passagem para a sociedade de consumidores levou o princípio da procrastinação ao ponto de ruptura. Hoje encontra-se vulnerável. O adiamento da satisfação não é mais um sinal de virtude moral, mas uma sobrecarga que sinaliza imperfeições nos arranjos sociais ou inadequação pessoal. A ética do trabalho pressiona por uma extensão indefinida do adiamento, enquanto a estética do consumo pressiona por sua abolição.

Os laços humanos no mundo fluido

A precariedade, instabilidade e vulnerabilidade são as principais características das condições de vida contemporânea. O desemprego nos países prósperos tornou-se estrutural, e o progresso tecnológico tende a anunciar cada vez menos empregos. Empregos seguros em empresas seguros parecem pertencer a um passado remoto. Na falta de segurança a longo prazo a satisfação instantânea parece uma estratégia razoável. Essas condições econômicas e sociais precárias fazem as pessoas perceberem o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis, para uma só utilização, inclusive os outros seres humanos. Em um mundo em que o futuro é sombrio e nebuloso, não aproveitar qualquer oportunidade aqui e agora é perdê-la. As políticas de precarização conduzidas pelo mercado de trabalho e pelas políticas da vida levam ao enfraquecimento e decomposição dos laços humanos, das comunidades e parcerias.

5 – Comunidade

O que há de notável sobre a comunidade é que ela sempre existiu. A defesa da comunidade e a tentativa de restaurá-la após ser negada pelos liberais não teriam acontecido se não fosse pelo fato de que os arreios que atam a os membros da coletividade ficam mais alargados a cada ano. No estágio líquido são fornecidos arreios com zíper, pela facilidade com que podem ser usados e despidos. O comunitarismo é uma reação à acelerada liquefação da vida moderna. Ele promete um porto seguro no mar turbulento da mudança constante, confusa e imprevisível.

Nacionalismo, marco 2

O Estado-nação foi o único caso de sucesso da comunidade nos tempos modernos, promovendo o princípio de que a unidade étnica supera todas as outras lealdades. Ele deveu seu sucesso à supressão de comunidades que se auto-afirmavam, lutando fortemente contra os costumes locais, valendo-se da imposição de língua oficial, currículos escolares e sistema legal unificado. Bernard Yack, parafraseando Hobbes, cunhou um aforismo sobre patriotismo e nacionalismo: "o nacionalismo é o patriotismo indesejado e o patriotismo, o nacionalismo desejado". Há pouco que distinga nacionalismo e patriotismo, sendo a diferença principalmente retórica.

Unidade – pela semelhança ou pela diferença?

A comunidade é vista como uma ilha de tranquilidade caseira e agradável em meio a um mar de turbulência e hostilidade. Seu corpo continua mortal e transitório, mas sua brevidade parece uma eternidade quando comparada à efemeridade de todos os pontos

de
orientação que a modernidade líquida põe.
A lição da modernidade sólida era que apenas ações e prazeres duradouros são dignos de nossa volição e desejos, o que não faz sentido aos ouvidos contemporâneos.
Para

Durkheim a sociedade é menos efêmera que os indivíduos, sendo um corpo em que nos abrigamos do horror de nossa própria transitoriedade. Mas, atualmente, as instituições sociais se tornaram ainda mais efêmeras que os indivíduos. O corpo mortal é talvez a entidade mais
longeva existente. O significado de longo prazo dificilmente excederá os limites da mortalidade corporal.

Preencher o vazio

O mundo ideal para as multinacionais é um mundo sem Estados, ou pelo menos com pequenos Estados. A globalização da economia segue aos saltos, e simplesmente a incapacidade dos governos em equilibrar suas contas os fazem se renderem e colaborar

ativamente com os "globais".

O princípio da soberania dos Estados está finalmente removido e desacreditado dos estatutos de direito internacional, o que poderia levar à substituição do mundo das nações
pela ordem supranacional, mas este não é o mais provável dos cenários. Se o Estado perder
seu monopólio da coerção, ela poderá ser desregulada, descendo do nível do Estado para a
comunidade.

René Girard desenvolveu uma teoria ampla sobre o papel da violência no nascimento e persistência da comunidade. O impulso violento está sempre em ebulição sob a
superfície calma da cooperação pacífica e amigável. Ele precisa ser canalizado para fora da
comunidade, onde é proibido. A violência é então reciclada como arma de defesa comunal.

Cloakroom communities

As comunidades *cloakroom* ou de carnaval são uma característica indispensável da modernidade líquida. Elas tendem a ser voláteis, transitórias e voltadas ao "aspecto único"

ou propósito único. Têm duração curta, e extraem seu poder de sua precariedade e futuro
incerto, da vigilância e investimento emocional que sua frágil existência demanda. Um efeito

destas comunidades é que elas impedem a condensação de comunidades genuínas, compreensivas e duradouras. São sintomas e fatores causais da desordem social da condição
de modernidade líquida.
